Metafísica dos costumes

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador
Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher
Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro
William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico
Luís Antônio Francisco de Souza
Marcelo dos Santos Pereira
Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen
Paulo Celso Moura
Ricardo D'Elia Matheus
Sandra Aparecida Ferreira
Tatiana Noronha de Souza
Trajano Sardenberg
Valéria dos Santos Guimarães

Editores-Adjuntos
Anderson Nobara
Leandro Rodrigues

ARTHUR SCHOPENHAUER

Metafísica dos costumes

Tradução

Eli Vagner Francisco Rodrigues

editora
unesp

© 2024 Editora Unesp

Título original: *Metaphysik der Sitten*

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

S373m

Schopenhauer, Arthur
Metafísica dos costumes / Arthur Schopenhauer; traduzido por Eli Vagner Francisco Rodrigues. – São Paulo: Editora Unesp, 2024.

Tradução de: *Metaphysik der Sitten*
ISBN: 978-65-5711-151-2

1. Filosofia. 2. Arthur Schopenhauer. 3. Schopenhauer. 4. Ética. 5. Moral. 6. Metafísica. 7. Filosofia moral. 8. Justiça. 9. Liberdade. 10. Vontade. I. Rodrigues, Eli Vagner Francisco. II. Título.

2024-588 CDD 100
CDU 1

Editora afiliada:

Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe

Associação Brasileira de Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação . *7*
Eli Vagner Francisco Rodrigues

Metafísica dos costumes

1 Sobre a filosofia prática em geral . *19*

2 Sobre nossa relação com a morte . *23*

3 Da liberdade da vontade . *43*

4 Do estado da vontade no mundo de sua aparição: ou do sofrimento da existência . *83*

5 Da afirmação da vontade de viver . *113*

6 Da injustiça e do direito (justo), ou doutrina filosófica do direito . *125*

7 Da justiça eterna . *167*

8 Do significado ético da ação, ou: da natureza da virtude e do vício . *185*

9 Da negação da vontade de viver, ou: da renúncia e da santidade . *223*

Apresentação

Eli Vagner Francisco Rodrigues

Arthur Schopenhauer recebeu sua *Venia Legendi*[1] no ano de 1820 e lecionou na Universidade de Berlim nesse mesmo ano. Embora tenha continuado a anunciar suas aulas até o semestre de verão de 1822 e depois novamente no semestre de inverno de 1826 e 1827, até o semestre de inverno de 1831-1832, sua única atuação como professor universitário foi no verão de 1820. Esse dado biográfico não retira o valor das preleções que o filósofo preparou para o exercício acadêmico. Elaboradas de forma análoga à sua obra capital *O mundo como vontade e como representação*, as preleções versam sobre a "Teoria de toda a representação, pensamento e cognição"; "Metafísica da natureza"; "Metafísica do belo" e "Metafísica dos costumes".

A obra que o leitor tem em mãos é uma tradução da última dessas quatro preleções, a qual fechou a participação de Schopenhauer na Universidade de Berlim.

O que se percebe a partir da leitura das preleções é que as teses do autor sobre o conhecimento, a natureza, a estética e a

1 Autorização para lecionar na Universidade.

ética são retomadas de maneira totalmente fiel em relação ao texto de *O mundo como vontade e como representação*; em algumas passagens, identificamos verdadeiras paráfrases do texto da obra capital. Em alguns casos, no entanto, o filósofo elabora alguns suplementos e explicações adicionais. O que se pode concluir dessa adaptação de sua filosofia para a sala de aula é que Schopenhauer preparou o conteúdo das preleções com uma preocupação didática e adaptada à leitura pública. Assim, o texto se apresenta de forma mais clara e acessível em comparação com sua obra principal, que, diga-se de passagem, já primava pela clareza e pela concatenação lógica.

A *Metafísica dos costumes* oferece ao leitor um panorama de tópicos que vão desde o rompimento com a perspectiva ética kantiana, a distinção entre o justo e o injusto, a questão da liberdade da vontade, a tematização da existência do sofrimento, a doutrina do direito e a questão da afirmação e negação da vontade de viver, até uma comparação entre algumas doutrinas religiosas e sua própria filosofia moral. Schopenhauer compara sua ética com algumas doutrinas éticas historicamente reconhecidas como influentes, sobretudo com a doutrina cristã. Além disso, fenômenos como remorso, tédio, paixão, crueldade, agonia de consciência, bondade, nobreza, amizade, choro e compaixão são descritos e explicados na quarta preleção de acordo com sua própria doutrina filosófica.

Todos esses temas, tão diversos e complexos, são, no texto da preleção sobre a metafísica dos costumes, sempre balizados por uma proposição que permeia toda a obra e que é enfaticamente afirmada desde seu início, o "fato da consciência moral": "Temos uma consciência moral [*moralischen Bewusstseÿn*], uma

consciência [*Gewissen*]. Mas de forma alguma essa consciência moral assume a forma de um imperativo...".[2]

Segundo Schopenhauer, a consciência moral se manifestará como um sentimento, como um peso na consciência, como uma angústia relativa a um ato de injustiça. A injustiça, por sua vez, é definida como uma ação que vai além da afirmação de seu próprio corpo e na qual a afirmação de sua própria vontade se torna a negação da vontade que aparece em outros indivíduos. Essa angústia da consciência, portanto, é um sentimento que atinge aquele que tem sua visão totalmente determinada pelo princípio de individuação e que age segundo o egoísmo, não enxergando no outro a mesma vontade que o anima. Para Schopenhauer, a tarefa da metafísica dos costumes, entre outras, é explicar esse sentimento, é elevar esse "fato da consciência" a um conhecimento claro. O filósofo se propõe a explicar esse fenômeno sem elaborar nenhuma doutrina de deveres, sem impor uma ideia de dever incondicional.

O texto original

O texto usado como base para a presente tradução foi a nova edição das *Vorlesung über: Die gesamte Philosophie oder die Lehre vom Wesen der Welt und dem menschlichen Geiste,* 4. Teil: *Metaphysik der Sitten* publicada em 2017 pela editora Felix Meiner.

A edição do quarto volume das preleções, publicadas pela Felix Meiner na Alemanha, contou com um trabalho de edição crítica coordenado por Daniel Schubbe e com a participação de

2 No original alemão: "*Wir haben ein moralisches Bewusstseÿn, ein Gewissen. Aber keineswegs hat dieses moralische Bewusstseÿn die Form eines Imperativs...*".

William Massei Junior, Judith Werntgen-Schmidt e Daniel Elon. Vale destacar o precioso trabalho desse grupo de pesquisadores que, através de um rigoroso trabalho de leitura dos manuscritos de Schopenhauer, disponíveis aos pesquisadores no Schopenhauer Archiv da Goethe Universität – Frankfurt am Main, conseguiu resgatar com maior acuidade e precisão a versão mais fiel do espólio e do legado do filósofo de Frankfurt.

O objetivo central de uma nova edição crítica das preleções de Schopenhauer seria, basicamente, a tarefa de realizar uma nova transcrição dos manuscritos de Schopenhauer a fim de corrigir os problemas encontrados na tradição textual e restaurar a completude das referências da obra do filósofo. Com base em uma nova transcrição dos manuscritos, a edição de Daniel Schubbe apresenta um texto recém-compilado e mais completo em relação ao último estado de revisão da obra de Schopenhauer, permitindo assim que as preleções possam ser trabalhadas a partir de uma leitura mais facilitada tanto para o grande público quanto para o público acadêmico.

A tradução espanhola

A título de cotejamento, a tradução de Roberto Rodríguez Aramayo[3] foi de grande valia.

Aramayo apresenta um rigoroso trabalho de tradução para a língua espanhola e oferece ao leitor inúmeros esclarecimentos e informações adicionais em suas notas de rodapé, o que atesta um profundo estudo do texto original e de textos relacionados.

---

3 Aramayo, *Metafísica de las costumbres*. ed. bilíngue. Madri: Editorial Trotta, 1993. (Colección Classicos de la Cultura.)

Sobre o texto base para a tradução, Aramayo utiliza a edição de Franz Mockrauer em cooperação com Paul Deusen de 1913 que, segundo Aramayo, ocupa as páginas 367-584 do volume X.[4]

Segundo indica Aramayo, em seu estudo introdutório à tradução espanhola, foi utilizada a reimpressão realizada por Volker Spierling.[5]

O trabalho de tradução de Aramayo se baseou em um amplo estudo da obra de Schopenhauer, e o tradutor se valeu de inúmeras consultas às referências citadas pelo filósofo alemão ao longo de seu texto. Esse trabalho de pesquisa de Aramayo representou um inestimável auxílio para algumas notas e soluções de tradução que adotei.

Projeto de tradução

A presente tradução foi realizada de 2021 a 2023 com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), Processo n.2021/14261-7, intitulado *Estudo crítico e tradução: Metaphysik der Sitten (1820). Preleções sobre a "Metafísica dos Costumes", na Universidade de Berlim de Arthur Schopenhauer*. O projeto propôs um trabalho de colaboração entre a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Unesp e a Goethe Universität – Frankfurt am Main.

---

4 "Arhtur Schopenhauer handschriftlicher Nachlass. Philophische Vorlesungen", em Paul Deusen (org.), *Arthur Schopenhauer Samtlich Werke*. 16v. Munique: R. Piper & Co., 1911-1942.

5 Schopenhauer, *Metaphysik der Sitten*. ed. Volker Spierling. Munique; Zurique: Piper, 1985.

O financiamento do projeto pela Fapesp e a colaboração com a Goethe Universität de Frankfurt me permitiram, além de custeio de material de pesquisa, uma estadia de estudos no Schopenhauer Archiv da Goethe Universität – Frankfurt am Main entre 2022 e o início de 2023.

O trabalho foi possibilitado, inicialmente, por envio de carta de recomendação do prof. dr. Mathias Kossler à equipe do Schopenhauer Archiv da Goethe Universität. Posteriormente recebi carta convite do prof. dr. Christoph Menke do Institut für Philosophie an der Goethe Universität para temporada de pesquisa em Frankfurt am Main, e finalmente pelo trabalho de atendimento e agendamento da sala de leitura do Schopenhauer Archiv realizada por Oliver Kleppel e pelo dr. Mathias Jehn.

A senhora Isabelle de Porras, assessora para pesquisadores internacionais do Welcome Center da Goethe Universität, foi responsável pela viabilização de minha permanência na Gästehaus da Goethe Universität (Casa de estadia para professores/pesquisadores convidados da Universidade de Frankfurt).

A natureza do texto

Como estamos diante de um texto que foi lido em sala de aula e que tem por base um sistema de pensamento, algumas anotações de Schopenhauer indicam material ou referências que não compõem o texto propriamente dito. Assim, encontramos ao longo do texto algumas anotações que não fazem parte, necessariamente, do que poderíamos denominar a fluência natural e lógica do discurso oral, sequencial. Essas anotações aparecem nas edições tanto de Volker Spierling

quanto de Daniel Schubbe. Não são muitas, mas podem causar algum estranhamento por não estarem diretamente ligadas à estrutura discursiva direta. As anotações *illustratio* foram mantidas no texto e nos remetem a outras fontes, referências bibliográficas e até a outras folhas dos manuscritos e mesmo a outros trechos do próprio texto. Essas palavras podem parecer, em alguns trechos do texto, um tanto soltas e repetitivas. Os termos foram reproduzidos na tradução exatamente como aparecem no original, na mesma posição e pontuação. Além dessas anotações, algumas palavras figuram como se fossem tópicos que poderiam ser mais desenvolvidos durante apresentação oral, e aparecem, geralmente, ao final de um capítulo. Por esse motivo, elas aparecem sem desenvolvimento, apenas como apontamentos, assim como o autor as deixou nos manuscritos.

A característica didática do texto pode sugerir que sua leitura seria uma boa iniciação à obra de Schopenhauer. De fato, a leitura da *Metafísica dos costumes* pode iniciar o leitor em alguns aspectos fundamentais da ética do filósofo de Frankfurt. No entanto, é sempre prudente seguir a recomendação do próprio filósofo de iniciar seus estudos lendo duas vezes *O mundo como vontade e como representação*, de 1818-1819, não sem antes ler a sua tese de doutoramento *Sobre a quadrúplice raiz do princípio de razão suficiente*, de 1813.

Observações técnicas

Para algumas soluções de tradução da terminologia mais recorrente na obra de Schopenhauer me foi de grande valia o cotejamento com a tradução do prof. dr. Jair Barboza dos dois volumes de *O mundo como vontade e como representação*. A opção por

verter "*Objektität des Willens*" por "Objetidade", por exemplo, se baseia na opção adotada nas referidas traduções. Em nota à p.157 da edição brasileira de *O mundo como vontade e como representação*, o tradutor esclarece sobre a opção: "O termo *Objektität*, neologismo de Schopenhauer, costuma provocar confusão entre tradutores, que às vezes o vertem por 'objetividade', termo inadequado, pois faz perder de vista o caráter inconsciente da intuição do entendimento".[6]

Meus agradecimentos ao professor Jair Barboza pela gentileza a mim dispensada na consulta que pude fazer a ele ao final de minha tradução.

Agradecimentos

Agradeço à Fapesp pelo financiamento da pesquisa e da visita técnica ao Schopenhauer Archiv da Goethe Universität, 2022-2023.

Agradeço a Jézio Hernani Bomfim Gutierre, editor e diretor-presidente da Fundação Editora da Unesp, pela acolhida do projeto de publicação das preleções de Schopenhauer e pelas orientações relativas a esta tradução.

Agradeço ao Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (Faac-Unesp) pelo período de afastamento a mim concedido para a realização da pesquisa em Frankfurt.

Agradeço à diretoria da Faac, na pessoa da profª drª Fernanda Henriques, pela concessão de estadia internacional para viabilização da pesquisa.

6 Schopenhauer, *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2005, p.157*n*.

Agradeço ao prof. dr. Mathias Kossler e ao prof. dr. Christoph Menke pela recomendação e convite para pesquisa na Goethe Universität – Frankfurt am Main.

Agradeço a Oliver Kleppel e ao dr. Mathias Jehn pelo atendimento e agendamentos na sala de leitura do Schopenhauer Archiv.

Agradeço à senhora Isabelle de Porras pela viabilização de minha estadia na Gästhaus da Goethe Universität.

Agradeço, também e sempre, à professora Hülya Belketin-Dikme pelas preciosas orientações em relação à língua alemã.

Por fim, gostaria de reproduzir aqui uma observação que consta da primeira edição brasileira de *O mundo como vontade e como representação*, traduzida por Jair Barboza, fazendo minhas as palavras dele naquela introdução:

"As críticas e sugestões por parte dos leitores, tradutores, filósofos ou amantes da literatura em geral serão bem-vindas e levadas em conta numa futura revisão. Para isto a exigência que faço é que sejam bem-intencionadas." O meu e-mail: eli.vagner@unesp.br.

Frankfurt am Main, dezembro de 2022

Metafísica dos costumes

1
Sobre a filosofia prática em geral

A parte primordial.
Filosofia prática.
Caráter inteligível.
A virtude não se aprende.

A filosofia não pode, em nenhum lugar, fazer mais do que interpretar e explicar o que é dado, trazer a essência do mundo, que se expressa *in concreto*, ou seja, como sentimento, compreensível a todos, para o claro conhecimento abstrato da razão, e isso em todos os aspectos, de todos os pontos de vista. Dessa forma, o agir do homem será o objeto de nossa consideração: e descobriremos que ele é, provavelmente, o mais importante de todos, não apenas de acordo com o julgamento subjetivo, mas também de acordo com o julgamento objetivo. Ao fazer isso, darei por suposto o conteúdo das lições anteriores; na verdade, vou desenvolver o conhecimento único, que é o conjunto da filosofia, e que agora se desdobra nesse objeto, como anteriormente se desdobrou em outros.

Fatos da consciência moral; como problema

A significação ética do agir é um fato inegável. (*illustratio*) Nós possuímos uma consciência moral [*moralisches Bewusstseÿn*], uma consciência moral em sentido estrito [*Gewissen*]. Mas essa consciência moral não ostenta de modo algum a forma de um imperativo, de uma lei moral relativa a "o que alguém *deve* fazer e o que alguém deve deixar de fazer"; tal foi o parecer de Kant, em que pese que ele não o provou, e desde Kant *todos* o repetem, por ser cômodo, mesmo que se expressem de maneira diferente (lei moral). Mas ninguém encontrará semelhante preceito, mandado ou dever no seio de nossa consciência. A única coisa que cabe sustentar como fato da consciência moral é o seguinte: mesmo sendo verdade que somos *egoístas* por natureza, e sob essa luz, isto é, a consciência da mera razão, quer dizer, que só buscamos *nosso* próprio gozo e benefício, não resulta menos certo o fato, tão estranho como irrefutável, de que, quando obtemos nosso gozo ou proveito *à custa de outro*, se estremeça muito claramente com ele certo pesar, cuja causa não conseguimos explicar de imediato e que vem amargar esse regozijo, sendo assim que esse mal-estar persiste inclusive depois de ter esgotado o gozo e o benefício; e pelo contrário, quando os outros cometem uma arbitrariedade à custa de nosso gozo ou proveito, se soma com toda clareza a nossa pena um intenso júbilo e contentamento interior, que não sabemos explicar e que, porém, *persiste* ainda depois que nossa desgraça seja ressarcida de fato. Por outro lado, quando vemos que um homem propicia gozo e proveito a outro, tendo-os como algo tão sagrado e inviolável como os seus próprios, experimentamos em relação a ele, de forma extremamente involuntária, um sentimento de